

## A Nova Crítica e a década de 50

LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO  
Titular de Literatura Portuguesa da UERJ

Informa Keith Cohen, no ensaio “Le New Criticism aux États-Unis”, publicado no número 10 da revista *Poétique* (1972), que a Nova Crítica vem da década de 30, como movimento renovador da crítica literária, partindo dos Estados Unidos da América, onde ocupou posição dominante nos estudos literários, entre 1940 e 1950. O livro de John Crowe Ransom, *The New Criticism* (1941), consagrou a denominação dada ao movimento crítico norte-americano daquela época, estudando a atividade crítica de T. S. Eliot, I. A. Richards e Yvor Winters. A obra posterior de Blackmur e Kenneth Burke, entre outros autores, viria consolidar a doutrina e os métodos da Nova Crítica, sobretudo em meios universitários, onde encontraria plena aceitação a obra de Allen Tate, Cleanth Brooks e R. Penn Warren, todos da chamada Escola do Sul (Southern School). Apontam-se como precursores do movimento: De Sanctis, Coleridge e Benthaus. Mas foi I. A. Richards, sobretudo com o livro *Practical Criticism*, o verdadeiro fundador da Nova Crítica. Entre outros, são ainda importantes os seguintes autores: R. S. Crane, Arthur Mizener, Austin Warren, F. C. Mathiesen, Lionel Trilling, William Troy, Morton D. Zabel, F. R. Leavis, O. D. Leavis, L. C. Knights e R. Wellek. Não se confunda, entretanto, Nova Crítica com *Scholarship*, atividade erudita que tem valor apenas como preparação à crítica ou base para o trabalho crítico. A conhecida *Teoria Literária*, de Wellek e Warren, por muitos considerada uma espécie de bíblia da Nova Crítica, resulta de dupla influência: indireta do Formalismo Russo e direta da Nova Crítica.

De modo geral, o movimento renovador parte do conceito de obra de arte literária como um fato autônomo, longinquamente filiando-se ao pensamento aristotélico, em oposição ao pensamento platônico, segundo o qual a obra de arte literária seria a expressão de algo fora dela. Daí a rejeição do Im-

pressionismo, atitude preliminarmente assumida, para em seguida defender-se uma modalidade de crítica ergocêntrica ou intrínseca, a chamada crítica autotélica, inteiramente contrária às posições de crítica extrínseca ou taineana, esta última encarando a obra de arte como expressão da raça, do meio e do momento histórico. Assim, a predominância do critério estético, na análise objetiva do fenômeno literário, transformou-se logo em postulado essencial da Nova Crítica, com o primado da obra sobre os elementos externos que a envolvem. Mas isso, é claro, sem redução da crítica ao conceito de esteticismo puro ou de arte pela arte, pois vários representantes da crítica anglo-americana da primeira metade do século sempre insistiram na valoração estética do elemento intrínseco da obra de arte literária, mas sem desprezar totalmente o recurso subsidiário aos elementos extrínsecos, desde que úteis à análise da estrutura empírica do fenômeno literário. Para a Nova Crítica, o que não é lícito é a transformação da literatura em simples documento histórico, social, político ou biográfico.

No Brasil, mas ou menos na metade do século em que vivemos, é que a crítica literária começaria a evoluir do Impressionismo e do Humanismo para o Formalismo, sob os influxos da Nova Crítica. Nessa fase de transição, delicada e polêmica, o nome de Afrânio Coutinho ocupa o lugar central. Não apenas no exercício do magistério superior, mas também através das “Correntes Cruzadas”, do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, coube-lhe desenvolver amplo programa de renovação metodológica dos estudos de literatura, após ter retornado dos Estados Unidos da América. No livro *Da Crítica e da Nova Crítica* (1957), agrupou a sua principal colaboração dispersa em jornais ou revistas. A leitura desse livro indica, logo de início, a sua posição centrada na crítica intrínseca ou estético-literária, a mesma posição que orientou a publicação de *A Literatura no Brasil*, obra um tanto desigual pela diversidade de formação de seus colaboradores. Aliás, no livro *Introdução à Literatura no Brasil*, reúne os capítulos que escreveu para aquela história literária coletiva.

Não pára aí, entretanto, a importância do seu trabalho. A ele se deve a compreensão moderna do estilo barroco no Brasil, o que fez em tese de concurso, em 1951, além da revisão da obra de um Raul Pompéia, por exemplo, até então estudado como realista ou naturalista, apesar do seu impressionismo hoje sabido. E isso sem contar com as luzes que trouxe para o melhor entendimento do problema de nossas origens literárias, no livro *Conceito de Literatura Brasileira*.

O nome de Afrânio Coutinho, portanto, se evidencia, na metade do século, em nossa historiografia literária, sobretudo como renovador de métodos e de processos de leitura. A sua teorização literária deu força aos nossos melhores estudos de estilística então publicados, a exemplo de *Dimensões I e II*, de Eduardo Portella, entre muitos outros. Recentemente, no livro *Notas de Teoria Literária*, resumiu o seu pensamento sobre o assunto.

No âmbito universitário, a revolução seria extensa e intensa, pela renúncia ao Impressionismo e pela adoção do novo conceito de crítica, por ele defendido, inclusive em polêmicas e debates. A própria Teoria da Literatura, como disciplina universitária, encontrou em seus estudos a sistematização moderna que mantém até hoje. E a nossa história literária, por fim, adquiriu no-

vo sentido, através da periodização estilística, por ele adotada, e da revisão que fez do conceito de gênero literário. Crítica intrínseca ou operocêntrica, baseada no conceito de literatura como arte da palavra, a estética e a estilística lhe dão fundamento, rigor e operacionalidade. Nem pode o texto literário ser reduzido a mero documento de caráter sociológico, psicológico ou político. Tal o sentido renovador da crítica literária brasileira, após a contribuição de Afrânio Coutinho, com antecedentes que nos vêm da estética simbolista. Aliás, como queria Bowra, o Simbolismo preparou o terreno para o advento do Modernismo, em todos os sentidos.

Em nossos dias, será justo observar, novos processos de leitura buscam explicar o fenômeno literário em sua estrutura profunda e complexa, ao sabor de numerosas epistemologias. Mas ninguém pode negar, em sua consciência, o extraordinário progresso do ensino da literatura no Brasil, desde que aqui se introduziram os fundamentos da Nova Crítica.